

INSIDE BOSS

SOUTH AFRICA'S SECRET POLICE
GORDON WINTER

A "BOSS" POR DENTRO

Espião sul-africano revela crimes e métodos da polícia secreta racista

Um espião sul-africano, que durante muitos anos actuou com a cobertura de jornalista liberal na África do Sul, publicou recentemente um livro onde escreve um pouco sobre a história criminosa da polícia secreta racista, conhecida pela sigla «BOSS» (Bureau de Segurança do Estado) — A Pide sul-africana.

Gordon Winter — o espião — não se poupa a si próprio na revelação dos crimes odiosos cometidos a favor do «apartheid» e já na parte final do seu livro conta como a «BOSS» formou o autodenominado «MNR» (Movimnto Nacional de Resistência Moçambicana). Pelas afirmações deste agente se testemunha claramente ser o «MNR» um braço armado daquela polícia e do exército sul-africano.

«Domingo» publica esta semana a parte do processo e método da «BOSS» para no próximo número revelar a formação dos grupos de bandidos armados que actuam em Moçambique a soldo da África do Sul.

«Costuma-se dizer que quem comou uma vez com o diabo dificilmente deixa o banquete (quem mente uma vez mente um cento). A minha resposta a isto é que não é difícil vomitar quando as pessoas que estão à mesa o fazem enojar. É isto que eu sinto da África do Sul».

Com estas palavras, Gordon Winter começa a história do seu trabalho nos Serviços Secretos sul-africanos entre 1963 e 1979. «Desde muito cedo — escreve ele — questões muito importantes angustiavam-me».

Será por isso que deixou a BOSS (Bureau de Segurança do Estado — a Pide sul-africana) no auge da sua carreira de espião? Porque é que temos de acreditar nele depois de uma vida de crime, traição, mentira e espionagem?

Winter responde que estava descontente com ele próprio, com o seu trabalho e com o regime do apartheid da África do Sul. Isto, sublinhou, foi o motivo porque deixou a BOSS e porque escreveu o livro «A BOSS por Dentro» (Inside BOSS). Mas, porque não saiu ele mais cedo?

Alguns aspectos destas perguntas podem ficar sem resposta. Para ser crédito, contudo, o livro «A BOSS por Dentro» não poupa o seu próprio autor (e neste é diferente de livros e artigos escritos por alguns antigos membros do Governo dos EUA e de ex-agentes secretos, nos quais falam acerca das suas carreiras). Ele toma pessoalmente a responsabilidade pelas suas acções monstruosas, pelas suas trações e pela espionagem de centenas de adversários do regime do apartheid que resultaram em prisões, tortura e, em alguns casos, nas suas mortes. Winter não encobre as suas próprias atrocidades. «A BOSS por Dentro» não é aparentemente um livro de autopromoção. Dá espantosas revelações sobre os métodos de trabalho dos Serviços Secretos sul-africanos: os seus processos, as suas técnicas de infiltração, os seus sucessos e falhanços. Winter também descreve a colaboração estreita da BOSS com a CIA, apesar de algumas diferenças táticas.

Por estas razões, «INSIDE BOSS» deverá ser lido por adversários do apartheid e outros activistas progressistas. A BOSS descrita no

livro de Winter é brutal e assustadoramente fértil em expedientes, mas não irrevincível. Gordon Winter, cidadão britânico, foi para a República da África do Sul em Janeiro de 1960 depois de uma curta carreira como ladrão de «meia-tijela» (em 1955 foi condenado a 22 meses de cadeia) e por contrabando de armas. Como ele diz, queria começar uma nova vida e torna-se então repórter criminal no jornal anti-apartheid publicado em Johannesburg «Sunday Express». O oportunismo de Winter (tudo o que realmente me interessava — escreve — era angariar contactos nos meios governamentais para que pudesse assim fazer boas reportagens...) foi claro nos meios usados para conseguir os seus objectivos no Departamento de Justiça sul-africano: a denúncia.

Winter esforçou-se também em conseguir uma aproximação com o então Ministro da Justiça John Vorster: o ministro deu a Winter valiosas informações, e em troca o «Sunday Express», que usualmente criticava o Governo, começou a «pintar» Vorster como um homem competente.

Winter foi adido aos Serviços de Segurança sul-africanos em 1963 depois de ter informado Vorster acerca de explosivos pertencentes ao Congresso Nacional Africano (ANC). Vorster ficou entusiasmado com essa informação e disse a Winter que o iria apresentar ao «he e fá» — Hendrik J. Van den Bergh, o cérebro da Polícia de Segurança boer.

RECRUTAR JORNALISTAS

Em Junho de 1963, Van den Bergh preparava-se para criar uma força especial ultra-secreta dos Serviços de Segurança, a Inteligência Republicana (RI). O seu principal objectivo, de acordo com Winter, era alistar jornalistas como agentes secretos. De preferência, esses jornalistas teriam de ser conhecidos como liberais. Escreveriam artigos anti-apartheid para provarem a sua credibilidade para obter assim acesso aos movimentos progressistas. Van den Bergh e Winter concordaram, contudo, que Winter teria de ter uma cobertura, ligeiramente diferente — tornar-se conhecido como um liberal mas mantendo a sua reputação como um oportunista pronto a usar as informações de Vorster.

Este plano de Van den Bergh

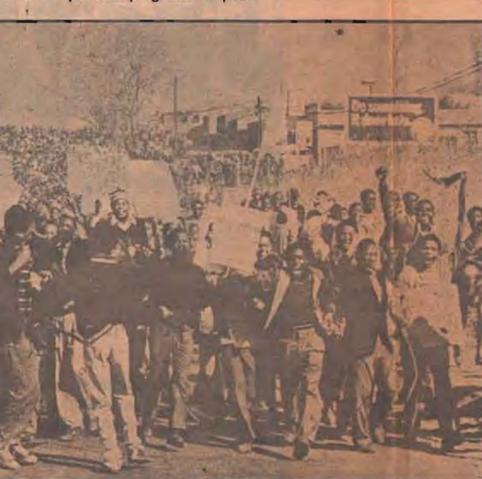
permitted a Winter ser utilizado como um propagandista. De facto, Winter escreveu ocasionalmente reportagens e artigos de propaganda através dos quais a sua carreira que tinha a finalidade de contradizer assuntos anti-apartheid, para satisfazer partidários estrangeiros da África do Sul, a fim de criar desconfiança entre os adversários do regime racista, ou para salvaguardar o Governo sul-africano quando, ele próprio era atacado pela opinião pública.

Ao mesmo tempo que Winter escrevia estes artigos de propaganda, cuidadosamente para evitar manchar a sua imagem de liberal, o seu papel duplo acatela-o em espiar totalmente. Por exemplo, durante a sua estadia em Londres recusou infiltrar-se no Partido Comunista sul-africano (SACP). «O SACP é o mais antigo e o mais importante Partido Comunista em toda a África... Eram demasiados disciplinados e seguros para mim» — descreve — Acidentalmente descobriu que o SACP assinava todos os principais jornais da África do Sul e fazia uma análise cuidadosa de todos os artigos políticos neles publicados. Evidentemente, então, eles poderiam ter conhecimento de alguns ângulos astutamente introdu-

zidos em artigos que escrevi para John Vorster e H. J. Van den Bergh tirando as suas próprias conclusões». Winter escreve que o Serviço Secreto do regime racista, o «RI», teve um grande sucesso. Primeiramente, o «RI» alistou somente jornalistas brancos porque Van den Bergh considerava todos os negros como sendo «de muita pouca confiança e principalmente mentirosos matos».

Por necessidade, contudo, o «RI» começou a considerar o seu recrutamento.

A missão especial de Winter era rejeitar os negros suspeitos. O método era simples. Um polícia secreto abordava a pessoa a recrutar e perguntava-lhe, a ele ou a ela, se queria tornar-se um espião. Frequentemente o agente dava ao recruta alguns dias para pensar sobre o assunto. Era aqui que Winter interfiava. «Eu apresentava-me e entrevistava a pessoa sobre o pretexto de ser um jornalista que andava a compilar uma grande reportagem que abordava o tema que a Polícia Secreta estava a tentar recrutar espias e informadores negros. Explicando que o editor do meu jornal anti-apartheid estava indignado com isso eu poderia perguntar a pes-



Soweto 1976: Não há escolas como Winter ou toda a repressão de uma polícia nazi que faça abrandar ou liquidar a luta do povo

soa se ele conhecia alguns negros que tivessem sido abordados para se tornarem espias. Costumava... prometer que o seu nome não seria revelado no jornal».

Se a pessoa não dissesse a Winter que tinha sido abordado pela Polícia de Segurança ele ou ela eram considerados de confiança. Se o recruta informava Winter acerca da tentativa de recrutamento por parte da Polícia Secreta, a pessoa era posta de lado ou, em muitos casos, Van den Bergh mudava de táticas, como no caso de Richard Triegaardt.

Triegaardt disse a Winter que a Polícia de Segurança estava a tentar recrutá-lo. Winter informou Van den Bergh, e pouco depois, Triegaardt foi colocado sobre prisão domiciliária de 24 horas. Outra pessoa a quem Van den Bergh tentou aliciar foi William Letlalo, um antigo activista do ANC que vivia numa minúscula casa no Soweto. Letlalo somente comentou e disse a Winter: «Devem estar loucos». Devido a isso foi colocado, sob prisão domiciliária; depois de oito anos de viver assim enclausurado numa área tão restrita perdeu a capacidade de usar as pernas.

DENUNCIAR E MANTER A FACE LIBERAL

Entre 1963 e 1966, Winter analisou mais de 30 possíveis recrutas negros. Para manter as suas

IN «COUNTER SPY»



Manifestação de trabalhadores dispersa à bala. O espião sul-africano infiltrado nos grupos anti-apartheid denunciava com antecedência certas manifestações em organização mandando prender os respectivos dirigentes



credenciais liberais, ajudava as famílias das pessoas que tinham sido presas (algumas vezes depois de terem sido denunciadas por ele); ajudou um jovem negro a fugir da República da África do Sul (com o conhecimento e apoio de Van den Bergh) e escreveu artigos anti-apartheid.

Utilizando esta vida dupla, Winter desenvolveu proveitosamente a sua missão como espião e, mantendo a confiança dos activistas anti-apartheid, incluindo o de Winnie Mandela, esposa do líder do ANC Nelson Mandela.

O marido de Winnie cumpria uma sentença de prisão perpétua na ilha de Robben (já mudou de prisão para o Cabo), uma das mais tristemente célebres prisões sul-africanas. De facto, Winter escreveu, estava tão relacionado com Winnie Mandela que era capaz de obter informações que facilitavam dados sobre o marido e mais de cerca de vinte outros membros do ANC, isto em Maio de 1969 e de novo em Agosto de 1970. Todos estes réus foram brutalmente torturados: dois deles, Caleb Maye kiso e Michael Shivute, morreram devido a torturas. Um dos associados de Winnie Mandela, Paulus Mashaba, «quebrou» debaixo de tortura e assinou um documento incriminando-se a si próprio. Apesar desta «confissão», todos os acusados foram absolvidos em ambos os julgamentos. Mashaba devido aos maus tratos teve um colapso nervoso como efeito resultante dos mesmos, e até agora não é capaz de falar coerentemente.

Pouco depois, o Governo colocou a maioria dos réus sob prisão domiciliária ou sob ordens de interdição. Além disso Van den

Sunday Express

JOHANNESBURG, JANUARY 27, 1980

Gordon Winter, o espião sul-africano trabalhou como jornalista, melhor-usando a capa de homem da informação no jornal Sunday Express. Este jornal é anti-apartheid, mas é precisamente entre os jornalistas muitas vezes vai recrutar os seus agentes. Quem recusa tem dissabores dos jornais liberais sul-africanos para negros e brancos onde a BOSS à espera

Bergh acirrou os vis estratégias do seu departamento contra Winnie Mandela. Um boato foi inventado sobre ela o qual fazia circular a ideia de ela ter sido agente de informação até ser mandada embora. Por duas vezes, a Polícia de Segurança visitou o seu empregador, e a BOSS lançou ataques de terror contra ela. Uma bomba de petróleo foi lançada no seu apartamento, alguém arrombou a sua casa, o seu carro foi roubado, e três homens tentaram estrangulá-la.

Consequentemente, Winnie Mandela foi exilada para a cidade de Brandfort, que está localizada a cerca de 5 milhas de Johannesburg, para lá viver numa pequena casa de cimento sem água canalizada e electricidade. Winter descreve todos estes acontecimentos friamente — o que ele fez, o que Van den Bergh fez, e o que aconteceu às pessoas por ele vigiadas. Como Winter escreve, ele nunca se comorometeu com a causa do regime sul-africano. As motivações pareciam ter, como finalidade, o aumento da ambiguidade. Nada o podia travar mesmo que invocasse «mimizagem» entre ele e as suas vítimas. Diz (consta) de Winnie Mandela ou, por exemplo, escreve: «Eu considero Peter Magubane, o fotógrafo negro mais famoso da República da África do Sul. Conheci Peter bastante bem e gostei dele. Mas isso não impediu que o atraísse a favor de Pretória. Peter passou um total de 586 dias detido, a maior parte deles em celas de isolamento».

FALSA DEPORTAÇÃO PARA INGLATERRA

Eventualmente, para preservar a cobertura de Winter como liberal, Van den Bergh forjou a sua prisão (Winter chegou a uma situação escorregadia, quando a sua pistola foi usada num assassinato) e subsequentemente deportado para a Inglaterra em 1966. A sua cobertura lá era «de um jornalista independente especializado em assuntos sul-africanos» e outros relacionados com os negros na Grã-Bretanha. O seu contacto secreto era Piet Schoeman, «colocado o o primeiro-secretário (na Embaixada da RAS) mas que de facto não passava de chefe da sede dos Serviços Secretos sul-africanos na Grã-Bretanha».

Outro contacto era Charlotte Hamilton que era oficialmente conhecida como secretária de Schoeman.

Inside BOSS revela o nome de vários outros oficiais dos Serviços Secretos da República da África do Sul operando sobre a cobertura diplomática: J. Fourie (em 1976), A. H. «Alf» Bouwer, um dos superiores de Winter em Londres (presentemente é o cérebro da BOSS no Transkei), Marie Jubert (agora casada, Moshoff), Brian Campbell, Vlok Delpoit (a trabalhar estritamente com a BOSS como chefe de informações da Embaixada da RAS em Londres), Chris Van Der Valt, «um propagandista da BOSS baseado na Embaixada da RAS (em Londres) como adido de Imprensa, e Carl Nofke elemento da BOSS e homem da propaganda residente em Washington sob a cobertura de ser conselheiro para a informação na Embaixada, desde 1978».

CIA E BOSS DE MAOS DADAS

Enquanto esteve em Londres, entre outras coisas, Winter tomou-se um regular colaborador do FORUM WORLD FEATURE (FWF), um dos tentáculos da CIA, liderada por Cecil Epril. Winter está convencido que Epril sabia que ele era um

agente secreto sul-africano. O elemento chave do FWF era Brian Crozier que, conforme Van den Bergh informou Winter, «era um membro dos Serviços Secretos britânicos». A descrição de Winter, sobre o FWF é interessante. «Uma grande quantidade de folhetos foi publicada acerca do Forum World Feature quando não estava canalizada como uma das agências da CIA em 1975». Um conhecido jornal reivindicou que o FWF tinha sido fundado exclusivamente para colocação «de propaganda da direita» em todo o mundo. Nada podia estar mais distante da verdade. Tal actividade poderia ter levantado imediatamente a suspeita da esquerda e assim a credibilidade da FWF caída a zero. Pelo contrário, FWF tinha o senso suficiente para recrutar dúzias de bem conhecidos partidários da esquerda... como escritores regulares e especializados, que davam ao Forum uma imagem equilibrada».

De acordo com Winter, a CIA usava o FWF de vez em quando para propaganda anti-soviética, ou para «artigos designados para testar as atitudes e reacções da governos em várias partes do mundo». Primariamente, o FWF foi formado para actuar como uma sede de informação para a CIA e actuava como uma conduta para pagar informações aos jornalistas que espiavam para a CIA... Forum foi igualmente

Também espiou os passos dos jornalistas que pretendiam deslocar-se e viajar na RAS e informou Van den Bergh acerca das suas ideias políticas; Um bom número deles tiveram a sua entrada na RAS embargada.

Uma das organizações a quem foi dada ordem para não vigiar foi a Amnistia Internacional (AI). Van den Bergh disse-lhe que «os amigos norte-americanos da BOSS conhecem a maior parte dos segredos da AI... a CIA seria estúpida se não usufrísse benefício de uma organização como a Amnistia Internacional. Através de Van den Bergh, Winter recebia informações regulares sobre a AI que a CIA partilhava com a BOSS. Algumas delas incluíam «fotocópias de documentos que claramente demonstravam terem sido retirados dos arquivos da AI em Londres».

A BOSS não foi oficialmente fundada até Maio de 1969. Contudo, escreve Winter, desde o princípio era «justamente a velha sede da Republic Intelligence (RI) com novo nome e legalizada pelo Parlamento».

Para Winter e outros agentes da RI, a criação da BOSS não mudou muito a sua forma de trabalho. Por intermédio da sua carreira («jornalista» na África do Sul, Winter rapidamente conheceu muitos activistas adversários do apartheid e exilados sul-africanos em Londres. Mandou centenas de relatórios para Van den Bergh. Um dos movimentos de que ele informou foi o «STOP THE SEVENTY TOUR» (STST), uma organização fundada para boicotar os jogos da equipa sul-africana de rugby («SPRINGBOKS») na Inglaterra. Ele era dirigido por Peter Hain, um membro do Movimento da Juventude Liberal Britânica (BYLM) e como Winter a descreveu, teve um «fenomenal sucesso» a pé e a cavalo de uma campanha de desinformação bem orquestrada pela BOSS. Winter, que acentuou a tremenda importância que os brancos sul-africanos davam à realização da digressão, foi a todos os jogos de rugby com a finalidade de tirar fotografias dos activistas anti-apartheid.

Para camuflar o seu próprio trabalho, Winter disse a jornalistas britânicos que os Serviços Secretos ingleses estavam a fotografar as manifestações, o que criou uma indignação a nível nacional contra estas medidas policiais.

Winter redigiu um relatório de

Peter Botha, 1. Ministro sul-africano que Winter no seu livro diz ter feito um complot com o general Matien para derrubar Vorster do poder

INFLTRAÇÃO NO MOVIMENTO ANTI-APARTHEID

A missão de Winter em Londres era infiltrar-se nos movimentos anti-apartheid e tentar encontrar informações embaraçosas para os adversários da África do Sul. «Aquando da minha estadia em Londres desde 1966 a Fevereiro de 1974 estive presente em quase todas as principais manifestações e enviei pelo menos uns 4000 negativos fotográficos para Pretória».

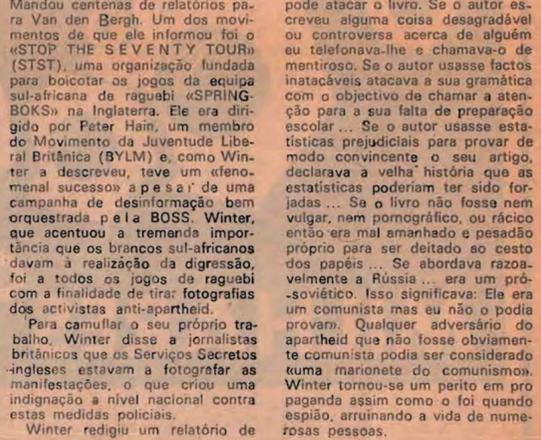
60 páginas sobre o STST e Peter Hain para a BOSS. Em parte devido aos esforços de Winter, Hain foi levado a tribunal por organizar o falhanço dos jogos da equipa dos «SPRINGBOKS», mas foi absolvido. Mais tarde, a BOSS manobrou para que ele fosse preso por acusação forjada de roubo a um banco. De acordo com Winter, os Serviços Secretos sul-africanos também utilizaram membros da direita britânica nos seus trabalhos de propaganda incluindo os MP (Membros do Parlamento) Enoch Powell, Harold Sorel, John Biggs-Davison e Patrick Wall, e secretamente fundaram grupos pró-sul-africanos tais como o Movimento Anticomunista e a Liga Cristã da África do Sul.

MAIS CRIMES E REGRESSO A PRETÓRIA

A maior «faca» de Winter descrita em «Inside BOSS» foi o caso Jeremy Thorpe. Thorpe foi líder do Partido Liberal — odiado pelo regime racista sul-africano. Winter arquiou a carreira de Thorpe revelando as suas relações homossexuais com o modelo masculino Norman Scott. Winter primeiramente informou a BOSS, e depois de alguns meses deu conhecimento do facto à opinião pública britânica. A história teve largas repercussões, e o trabalho de Winter para a BOSS foi exposto durante as revelações em 1974. Winter teve que regressar à RAS.

Em 1976, juntou-se ao «The Citizen», um jornal diário criado e financiado pela BOSS. «Eu era o carrasco número um com carácter assassino... Não era necessário escrever mentiras quando a BOSS me instrua para esmagar ou sujar o bom nome de alguém. Jornalista sem escrúpulos, eu podia perverter a verdade concentrando a atenção na parte negativa e menosprezar a parte positiva». Caluniar pessoas, diz Winter, não é muito difícil. Por exemplo, se se quer fazê-lo a um autor de um livro crítico contra os interesses da RAS: há muitas maneiras pelas quais um «carrasco» pode atacar o livro. Se o autor escreveu alguma coisa desagradável ou controversa acerca de alguém eu telefonava-lhe e chamava-o de mentiroso. Se o autor usasse factos inatácáveis atacava a sua gramática com o objectivo de chamar a atenção para a sua falta de preparação escolar... Se o autor usasse estatísticas prejudiciais para provar de modo convincente o seu artigo, declarava a velha história que as estatísticas poderiam ter sido forjadas... Se o livro não fosse nem vulgar, nem pornográfico, ou rácio então era mal amanhado e pesadão próprio para ser detido ao custo dos papéis... Se abordava razoavelmente a Rússia... era um pró-soviético. Isso significava: Ele era um comunista mas eu não o podia provar». Qualquer adversário do apartheid que não fosse obviamente comunista podia ser considerado kuma marionete do comunismo.

Winter tornou-se um perito em propaganda assim como o foi quando espião, arruinando a vida de numerosas pessoas.



Winnie Mandela, esposa do líder do ANC Nelson Mandela. O espião Winter também foi o principal instigador de várias das suas detenções, banimentos e prisões domiciliárias.